

Trabalho de Conclusão da Pós Graduação Latu Sensu

**CAMINHADA COMO MÉTODO PARA A ARTE E A EDUCAÇÃO**

Turma I -2017/2018

Título: Relato de Viajante

Aluna: Gabrielle d'Albertas

2018

**Idealização, Concepção e Coordenação da Pós Graduação**

**Profa. Dra. *Honoris Causa* Edith Derdyk**

**Direção Geral D'A Casa Tombada:**

**Coordenação geral: Profa. Dra. Ângela Castelo Branco e**

**Prof. Giuliano Tierno de Siqueira**

## Apresentação

Nasci na cidade de São Paulo no ano de 1961 e moro há 57 anos na capital. Tenho a noção de seu território, da sua extensão, das suas regiões, da sua topografia, de seu planejamento e da sua arquitetura. Gosto de explorar os bairros por onde circulo, de perceber suas características e suas singularidades. Posso dizer que tenho boa intimidade com a Zona Oeste e um bom conhecimento do Centro Expandido. Infelizmente, acontece que ando mais de carro, mas, o que gosto mesmo é de **caminhar**, numa relação mais próxima com o ambiente.

Sou formada em Arquitetura e Urbanismo, pela Universidade Mackenzie (1985), tenho licenciatura plena em Artes Plásticas, pela Faculdade Belas Artes (2001) e tenho Especialização em Arte Educação, pela ECA - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (2000).

Após 15 anos, trabalhando como arquiteta, resolvi percorrer outras estradas e assim resgatei um velho e querido sonho, relacionado a área das artes plásticas e o tornei realidade. Fui atrás de uma formação que me habilitasse a lecionar nesta área.

No ano 2000, quando eu havia recém completado 39 anos, com uma imensa vontade de virar a mesa, com a cara mais deslavada possível e sem nunca ter tido nenhuma formação em educação, entrei num curso de especialização, intitulado *Ensino, Arte e Cultura*, na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, sob a responsabilidade da Professora, Doutora Regina Machado. O objetivo temático da especialização era proporcionar uma experiência significativa na formação para professores de artes, por meio de uma proposta estruturada, que pudesse garantir a

atualização do professor, no que diz respeito ao ensino e à produção de arte.

Foi frequentando este curso que passei a conhecer a *Abordagem Triangular*, entendida como uma nova maneira de encarar o ensino de arte. No final dos anos 80, a *Abordagem Triangular*, introduzida no Brasil pela Professora Doutora Ana Mae Barbosa e criada por educadores norte-americanos, passou a ser uma nova orientação de ensino de arte.

Segue este parágrafo extraído do PCN (Parâmetro Curriculares Nacionais) que expressa esta nova orientação:

“As propostas contemporâneas de ensino de arte ampliam-se para o além da ação criativa do fazer e do experimentar. Integram-se ao processo de aprendizagem os conhecimentos e práticas do fluir, do apreciar, do criticar, da estética e da história da arte. Passa-se a investigar a natureza da arte quanto forma de conhecimento. Conteúdo específicos devem ser ensinados e o desenvolvimento de processos de como aprendê-los.” (Lei de diretrizes e bases para o Ensino -Parâmetros curriculares nacionais - arte 1997, pg.32)

Em seguida, no ano de 2001, frequentei o Programa Especial de Formação de Docentes para as Disciplinas do Currículo do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e da Educação Profissional em Nível Médio, ministrado na Faculdade de Belas Artes de São Paulo, obtendo um certificado equivalente a Licenciatura Plena, habilitando-me na disciplina Educação Artística.

Por fim, a partir de 2003, por meio da minha trajetória particular, somadas às minhas experiências como aluna de cursos de artes (Hebe Camargo<sup>1</sup>, Edith Derdyk<sup>2</sup>, Dalton de Luca<sup>3</sup>), à minha formação e prática de arquiteta, mais ao meu curso de especialização em Arte e Educação, passei

---

<sup>1</sup> Hebe Camargo-artista e professora de artes.

<sup>2</sup> Edith Derdyk-artista, escritora e professora.

<sup>3</sup>Dalton de Luca-arquiteto e professor de desenho.

a lecionar Educação Artística em algumas escolas particulares de São Paulo, onde procurei aplicar os conceitos da *Abordagem Triangular*.

Já se passaram 18 anos e aprendi muito com minha atuação nas diferentes escolas onde atuei como professora de artes plásticas. Porém, ainda sinto falta de pensar a Educação e de reavaliar minha conduta como professora educadora na área de Artes Visuais. Como arte educadora eu busco o fortalecimento das minhas convicções e do meu pensar, que procuro transmitir em palavras e atos aos meus alunos durante as aulas.

No ano de 2016, resolvi, mais uma vez, procurar novas fontes de conhecimento ligadas à arte-educação. Já havia ouvido falar muito bem de *A Casa Tombada* e achei que poderia encontrar, neste espaço cultural, algum curso que atendesse às minhas expectativas no sentido de aprofundar minha reflexão sobre a prática que desenvolvo como educadora. Encontrei o que procurava, uma pós graduação *Latus Senso* com o seguinte título: *Caminhada Como Método para a Arte e a Educação* sob a coordenação de Profa. Dra. *Honoris Causa* Edith Derdyk.

## O meu relato de viajante

Sob a orientação de Edith Derdyk, eu e mais 15 pessoas frequentamos este curso, durante 18 meses. Uma vez por mês nos reuníamos durante três horas, à noite, às sextas feiras, oito horas aos sábados e mais oito horas aos domingos. Foram longas e diferentes jornadas. Vivenciamos diversas e inusitadas situações e caminhamos por espaços **reais** e pelo espaço das **ideias**.

No que se refere aos espaços **reais**, andamos fisicamente pelo campo, pela mata e por alguns bairros da cidade de São Paulo. Caminhamos pelo centro, pelas bordas e pelas beiras dos caminhos. Meus sentidos ficaram aguçados: visão, olfato, paladar, audição e tato. Minhas emoções também. Registros foram feitos durante estas andanças: desenhos, pinturas, fotografias, vídeos e também pequenas anotações.

O sentido da **visão** foi o que se sobressaiu. A percepção das diferentes texturas, nos diferentes elementos observados, foram recorrentes. Estas texturas foram observadas nas folhas, nos troncos e nas raízes das árvores, nos pisos, nos solos, nos planos de água e nos volumes diversos. Percebi linhas com diferentes intensidades, espessuras e direções. Este tipo de vivência costuma fazer parte do meu modo de olhar e gosto de reproduzi-lo por meio do desenho.

Passamos dois finais de semana na Fazenda Serrinha, localizada próxima à cidade de Piracaia, no estado de São Paulo. Neste local, caminhamos por algumas trilhas, passando por pastos e por algumas áreas mais arborizadas.

Aprecio muito estes momentos, **fora** da cidade de São Paulo. São espaços que já sofreram alterações pelo homem, mas que mantêm ainda algumas de suas características naturais. Nestes ambientes, a paisagem costuma ser acolhedora. O meu sentir é de que se trata de algo que me é familiar e aconchegante. Gosto de andar por estes lugares.

Sempre procuro meus pontos de referência, os meus menires, para depois seguir mais à frente. Por exemplo, procuro na paisagem algo que chame minha atenção, pode ser uma linda árvore florida, uma grande pedra, um tronco caído. Sinais que irão me orientar para refazer a caminhada ao ponto de partida. Nestas situações, dificilmente ultrapasso

os meus limites. Sou ponderada. Não escolheria um dia chuvoso para caminhar numa mata ou escalar uma encosta.

Não me incomodo em percorrer distâncias grandes. Estas caminhadas são desafiadoras. Nestas ocasiões gosto de ver a paisagem que se abre no horizonte. Perceber o grande e o pequeno, o longe e o perto. Nestes momentos gosto de sentir o vento que passa por mim.

Também fizemos algumas caminhadas **dentro** da cidade de São Paulo. Três vezes andamos pelo parque da Água Branca, acompanhados pela Edith e pela Tamara Andrade, fizemos duas voltas entorno do quarteirão da *A Casa Tombada*, acompanhados pela Inês Bonduki e pelo Rodrigo Gontijo, realizamos uma caminhada sob o Minhocão, até a ocupação 9 de julho, acompanhados pela Carla Caffé e também uma bela e longa caminhada por alguns bairros próximo a linha férrea, *Caminhando à beira do abismo*, acompanhados pelo Renato Hofer. Estes acompanhantes faziam parte dos palestrantes selecionados pela Edith, que iniciavam a jornada com uma conversa, apresentavam suas propostas nos orientando quanto ao foco e ao objetivo da atividade.

Todas as caminhadas partiram da *A Casa Tombada*, localizada no bairro de Perdizes. Os bairros por onde passamos são frequentados na sua maioria pela classe média/baixa e percebe-se que ali coexistem construções de uso residencial, de serviço e de comércio. Na minha percepção, são áreas que considero degradadas, privadas de verde (com exceção do parque), de lazer e de manutenção.

**A realidade de São Paulo me anestesia**

**A paisagem urbana de São Paulo me remete ao caos**

**E procuro decifrar o que é previsível**

**E procuro entender o imprevisível**

**E neste caos procuro ver beleza e talvez até poesia.**

Num primeiro momento, quando caminho por estes espaços sinto desconforto. Num segundo momento, faço um imenso esforço para entender o espaço que estou percorrendo. Busco lembrar de sua história e de seu público. Num terceiro momento, procuro despir-me de meus preconceitos e de meus conceitos sobre o “belo”. E, na feiura do todo, procuro achar delicadeza e beleza nos detalhes.

Como já comentei, também caminhamos pelo espaço das **ideias**. Convidados pela Edith, outros professores, mestres e doutores foram ministrar palestras, dentro de suas especificidades e apresentaram seus discursos e suas bagagens. Estas diferentes pessoas tinham nas suas falas um denominador comum, a caminhada. Por vezes, estas falas tinham um conteúdo mais científico e por vezes um conteúdo mais poético.

A cada final de semana, tivemos um assunto em destaque. Segue abaixo os diferentes temas abordados na palestras:

- Caminhada e seus percursos históricos - do Neolítico à arte Contemporânea,
- Caminhada na Literatura e Filosofia,
- Caminhada e a história do Corpo,
- Caminhada e os saberes da ciência,
- Caminhada e as modalidades da imagem como registro poético, a fotografia e o vídeo,
- Caminhada na paisagem Urbana,

- Caminhada e construções de narrativas; a prática do livro de artista,
- Caminhada Indisciplinar- Arte e educação.

Num determinado momento do curso, Edith Derdyk fez uma pausa e formulou algumas questões. Esta parada me ajudou no entendimento de nosso percurso ou de parte dele. Seguem as questões colocadas por ela e as respostas elaboradas por mim, em tópicos.

### **Perguntas:**

#### **Nesta pós, o que foi recorrente como ideia e conteúdo?**

- Pensar o caminhar no sentido literal da palavra (andar, peregrinar, viajar) e o caminhar figurativo (pensar, investigar, refletir, criar).
- Perceber o quanto o caminhar está colado em várias áreas do conhecimento.
- Surpreender-se com o fato de quanto o caminhar faz parte da história do homem.
- Conhecer pessoas que fazem do caminhar sua prática, seu estilo de vida.
- Descobrir o quanto caminhar faz parte do universo da ciência, da literatura, da filosofia e das artes.
- Perceber o quanto caminhar é uma experiência estética.
- Dar-se conta de quanto a experiência do caminhar pode se decompor num disparador de ideias poéticas.
- Transformar a sua experiência de caminhar numa materialização poética.

#### **Nesta pós, o que foi recorrente como procedimento?**



### **Por onde podemos caminhar?**

- Por todos os lugares.

### **Como podemos nos portar durante uma caminhada?**

- Ficar à deriva.

### **O que podemos fazer durante uma caminhada?**

- Caminhar, sentir, registrar, elaborar, criar, transformar e refletir.

### **No que podemos focar?**

- Nos sentidos: tato, olfato, paladar, visão e audição,
- Nos elementos da linguagem plástica: linha, traço, formas, cores, textura, planos, conexões, camadas, sínteses e articulações.
- Nas minhas emoções.

### **Como podemos registrar a experiência de uma caminhada?**

- Na forma de textos, de desenhos, de fotos, de vídeos e de atos performáticos.

### **Como transformar “a poética da experiência (o ato da caminhada) em experiência poética?”**

- Em textos, desenhos, fotos, vídeos e atos performáticos.
- Em livros de artista como possibilidades poéticas de registros.

### **O quanto o caminhar pode ser uma ferramenta de pensar a sua atuação na educação?**

- Então, esta pergunta ainda não tenho a resposta...

Retornando aos palestrantes convidados pela Edith, estes nos ofertaram diversas e complexas informações. Junto a eles, percorremos diferentes terrenos, concretos ou não. Estes terrenos, quando abstratos,

cheios de indícios e prenúncios, por vezes me provocaram um cansaço paralisador. Esta é uma sensação recorrente quando sou bombardeada por novos conhecimentos. Levo um tempo para digeri-los e absorvê-los.

Ainda estou processando todas estas informações. Pois é! E agora, o que fazer com estes conhecimentos, com todas estas experiências físicas e mentais, com estes sinais que ficaram marcados no corpo e na alma?

O que fazer com os registros, textos, desenhos, fotos e vídeos feitos por mim, durante estes meses? Talvez deste desconforto surgirão **pérolas**, mas levarão um tempo...

“Uma pérola é um material orgânico duro e geralmente esférico, produzido por algumas ostras em reação a corpos estranhos que invadem os seus organismos, como vermes ou grãos de areia” (Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 2ª edição).

Sabemos que a pérola é o resultado de um desconforto no interior da ostra. Uma trajetória dolorosa mas, um resultado estético primoroso.

Esta pós me ajudou a refletir sobre meu passado, do ponto de vista pessoal e como educadora. Apesar do meu dia a dia muitas vezes parecer ser enfadonho e repetitivo, descobri pequenas **pérolas** escondidas nas minhas gavetas da memória. Revisitei desenhos, aquarelas e textos produzidos por mim e me surpreendi ao me perceber autora de todos eles. Fui eu mesma que fiz, fui eu mesma quem sentiu, fui eu mesma quem refletiu? O uso da palavra pérola faz sentido aqui.

Nestes últimos 18 anos, lecionei em várias escolas, sempre como professora de artes. Em algumas não me identificava com a proposta pedagógica e em algumas outras, o projeto pedagógico coincidia com minhas concepções educacionais. Nestas últimas, infelizmente, permaneci

por um curto espaço de tempo. Isto me magoou muito e levo comigo cicatrizes destes episódios.

Como professora de artes plásticas, sempre procurei seguir minhas convicções e meu entendimento do que deve ser levado em consideração na elaboração do planejamento de um curso de artes plásticas, dentro de um ambiente escolar. Segue um modelo elaborado por mim dos meus **objetivos** gerais:

- Perceber as Artes Plásticas como uma forma de expressão, uma linguagem.
- Instrumentalizar o aluno com a “gramática, gêneros e literatura desta linguagem”.
- Conhecer, reconhecer e trabalhar com os elementos que compõem a linguagem plástica e suas articulações (relações entre ponto, linha, plano, volume, cor, textura, luz, ritmo, movimento equilíbrio).
- Conhecer, reconhecer e exercitar diferentes modalidades plásticas (desenho, pintura, colagem, modelagem, escultura, instalação, fotografia, vídeos e outros).
- Aumentar o repertório dos alunos referente ao universo das artes.
- Apresentar pessoas e seus trabalhos que utilizam esta linguagem e perceber o processo de trabalho destas pessoas.
- Sensibilizar os alunos frente a esta forma de expressão, fazendo, apreciando e refletindo artes.
- Contextualizar os assuntos tratados na sala de aula.
- Acordar para o que acontece à nossa volta ligada as artes.

- Oferecer informações sobre a História da Arte vinculada aos assuntos das aulas.
- **Sensibilizar os alunos durante as aulas dando sentido ao que eles estão fazendo, vendo ou ouvindo.**
- **Criar atividades diversas onde os alunos gostem de seus trabalhos garantindo prazer ao fazê-los.**
- **Criar situações onde os alunos possam experimentar, explorar, arriscar, ousar, aprender, criar e brincar no bom sentido.**
- Despertar nos alunos um refinamento estético no sentido de melhorar sua relação consigo mesmo e com o mundo que o cerca.
- Desenvolver nos alunos o senso crítico de modo que possam refletir sobre a realidade que lhes rodeiam e perceber suas repercussões sociais e políticas.

Quando consigo alcançar estes objetivos marcados em negrito, comemoro. Como educadora a minha maior satisfação é perceber que estes itens foram alcançados.

Nestes anos todos, ao longo de minha atividade profissional, pude perceber que as adversidades são muitas. Passam pelo ambiente físico da sala de artes (costuma ser a pior da escola), pelo conforto (iluminação e acústica) e pelo equipamento (costuma ser a última a ser equipada com ventiladores, ar condicionado, lousa digital e computadores). É recorrente a falta de materiais específicos (livros, materiais plásticos, materiais de suporte entre outros).

Além disso, pude perceber outras questões, ainda mais delicadas, no sentido da valorização dada ao trabalho de artes pela comunidade: direção,

coordenação, professores, pais e alunos. O que esperam de um curso de artes dentro do espaço escolar?

Infelizmente, na maioria das escolas as reuniões pedagógicas são escassas e a preocupação com a formação do professor é inexistente. Sei também que o que eu descrevi acima não é novidade para ninguém. Faz parte da realidade de grande parte das nossas escolas particulares.

Hoje eu estou resignada. Trabalho para meu sustento e para me manter lúcida. Sei que procuro fazer um bom trabalho dentro da realidade de cada escola. Fico imensamente feliz com a relação que estabeleço com os alunos, durante as aulas e isto me basta. Alguns me amam e outros nem tanto. As crianças que apresentam sentimentos negativos em relação a minha pessoa são geralmente alunos que costumam apresentar postura inadequada dentro da sala de aula. Tratam-se de questões que esbarram em outras e mais outras. São assuntos que não caberiam neste texto e que sobre os quais, não tenho bagagem suficiente para tratá-los: a crise da Educação.

Ter participado desta pós fortaleceu minha prática como educadora, área em que seguirei em frente por mais alguns anos. De início, apostei que talvez encontrasse indícios, sinais, que me indicassem um novo caminho para minha dúvida existencial do momento: O que eu vou ser quando eu envelhecer? Percebo que durante nossas vidas percorremos vários caminhos. Caminhos que escolhemos ou que somos empurrados ladeira abaixo, caminhos que possuem diferentes graus de complexidade: fáceis, moderados, difíceis, sinuosos, com subidas, com descidas, planos e com diferentes paisagens e contextos. Estes são também abarrotados de surpresas e bifurcações que nos obrigam a fazer escolhas.

Neste momento, a relação entre o ato de caminhar e a vida cai como uma luva e me faz deparar com este grande clichê: nossa vida não passa de uma grande caminhada.

Na imagem a baixo estão expostos alguns dos resultados plásticos elaborados por mim, partindo das propostas apresentadas pelos nossos palestrantes na forma de desenhos e fotos.

### **Um pouco de mim.**



### **Referências Bibliográficas**

CARERI, Francesco - Walkscapes: O Caminhar como Prática Estética. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2002.

Visconti, Jacopo Crivelli-Novas Derivas-Editora WF Martins Fontes- São Paulo-2014

Calvino, Italo -As Cidades Invisíveis-Cia das Letras-São Paulo-1992

Coverley, Merlin- A Arte de Caminhar: O escritor como caminhante-  
Editora Martins Fonte –São Paulo- 2014

Mafefesoli, Michel-Sobre o Nomadismo -Vagabundagens Pós-  
Modernas-Editora Recoird- Rio de Janeiro-2001

Larrossa, Jorge-Notas sobre a experiência e o saber da experiência-  
Ver. Brás. Educ. Rio de Janeiro-2002

Derdyk, Edith – Linha de horizonte: por uma poética do ato criador-  
Editora Intermeios- São Paulo-2012

Derdyk, Edith – Formas de pensar o desenho: Desenvolvimento do  
grafismo infantil- Editora Zouk

Corazza, Sandra/ Zordaan, Paula/ Tadeu, Tomaz-Linha de Escrita-  
Editora Autêntica-Belo Horizonte-2004

Barbosa, Ana Mae – A Imagem no Ensino da Arte – Editora  
Perspectiva -São Paulo-4ª edição

Barbosa, Ana Mae. -. John Dewey e o Ensino da Arte no Brasil-São  
Paulo-2002

Bosi, Alfredo. -. Reflexões sobre a Arte-Série Fundamentos- Editora  
Ática-São Paulo-1995

Weisz, Telma / Sanchez, Ana– O Diálogo entre o ensino e a  
aprendizagem-Editora Ática-São Paulo-2000

Edwards, Carolyn /tradução Batista, Deyse– As cem linguagens da  
criança; a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância-  
Porto Alegre-2008

Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte/Secretaria de Educação  
Fundamental-Editora DPeA-Rio de Janeiro-2000